

AJ00767

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca
Arte & Lazer

Caderno Dois

VITÓRIA (ES), QUARTA-FEIRA, 18 DE MARÇO DE 1981



Camburi em 79: um aspecto desolador que...

As águas de março ameaçam o aterro de Camburi

O aterro de Camburi é uma incógnita. Ninguém sabe até agora o que será feito da praia mais democrática de Vitória. A única coisa que existe de concreto são os problemas causados pelo início das obras em pleno verão e a incerteza se a areia agora depositada lá vai ou não ser levada pelas marés mais altas. Não existe ainda um projeto urbanístico que dê uma identidade à praia que, por enquanto, está sendo soterrada. Agora só resta esperar para ver o que vai ser feito da praia mais visitada do Estado.

Conta uma "estória de pescador" que a maré de março traz o lixo para a beira da praia e a de abril volta para limpar a sujeira de sua antecessora. É porque essas duas marés são muito altas e, caso coincida com o vento sul, o que invariavelmente ocorre, surge a chamada ressaca. Um fenômeno comum que aparece todo ano, a ressaca é hoje uma prova de fogo para os responsáveis pelo aterro hidráulico da praia de Camburi, que poderão — ou não — ver destruídos em poucos dias dois meses quase intensivos de trabalhos.

"O que resta é observar", diz o engenheiro da Prefeitura de Vitória, Fábio Tancredi, responsável pela fiscalização e supervisão das obras. Se a areia ficar não há nada a fazer senão continuar a obra, mas se houver problemas e a maré levar a areia que estamos colocando lá, providências serão tomadas de acordo com a indicação dos autores do projeto, ou seja, o Instituto Nacional de Pesquisas Hidroviárias da Portobrás. Aliás, todo o aterro vem sendo desenvolvido sob observações constantes dos engenheiros da Prefeitura, que a cada caso divergente das previsões consultarão imediatamente o INPH.

Essa dinâmica existente no projeto se deve exclusivamente ao fato do serviço estar sendo feito sob a ação das marés que são suficientes para colocar qualquer projeto dentro dos seus moldes. Para isso o plano de aterro de Camburi é dinâmico e várias alternativas já foram estudadas para cada imprevisto que a maré apresentar.

Como prova disso até hoje não se tem certeza se a areia que está sendo hoje dragada para a orla camburiana vai ficar lá depois da obra pronta. Se isso acontecer já existe na Prefeitura um projeto alternativo de construção de um quebra-mar submarino que ficaria afastado da praia servindo ao mesmo

tempo para diminuir a ação das ondas além de servir como um suporte para que a areia não seja carregada.

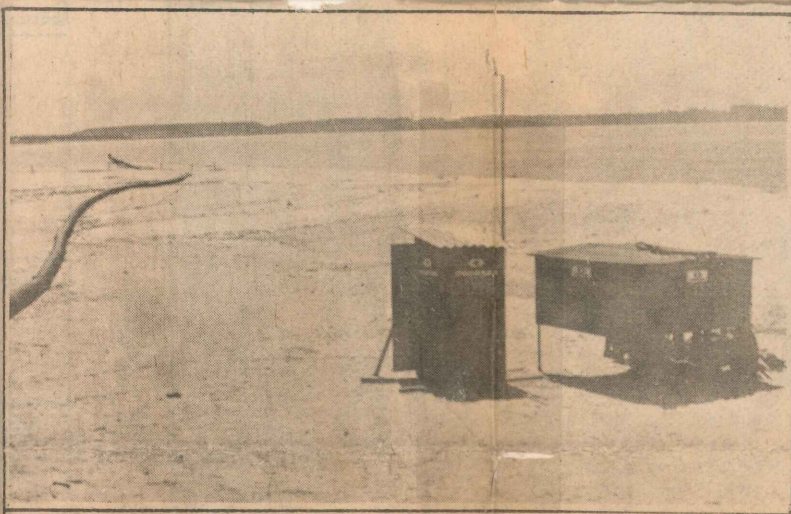
A cada dia surge uma nova necessidade e o projeto vai sendo modificado para atender melhor as exigências da obra. O aterro que estava previsto para ter uma extensão de 2.100 metros (do bar Rei dos Mariscos até 500 metros após o entroncamento das avenidas Dante Michelini e Adalberto Simão Nader) será aumentado em mais 500 metros se o secretário de Obras da Prefeitura e os técnicos do INPH aprovarem.

Este aumento na extensão do aterro abrangeria da estaca 4, que fica nas proximidades da churrascaria Minuano, até a estaca 9, em frente ao bar Rei dos Mariscos, onde foi iniciada a obra. Sua função seria de impedir que houvesse naquele lugar uma maior erosão, impedindo a derrubada do muro nas marés mais altas como já aconteceu várias vezes.

Dessa forma estão sendo desenvolvidas as obras do aterro que vai transformar Camburi na realização mais importante da atual administração municipal. Junto disso Camburi viverá novos dias, bastando apenas reconquistar a moral perdida nessa fase da obra, fazendo com que seus frequentadores descobrissem praias mais limpas, antes ocupadas pelo beautiful people capixaba.

Se o problema for esse, Camburi fatalmente trará para suas areias emprestadas um por um dos seus frequentadores. Ela vai se mostrar mais tentadora, principalmente pela água mais clara, prazer favorecido pela areia que agora ocupa sua orla por ter grãos maiores e mais claros que os de antes, que não sujará o mar quando as ondas se arrastarem pela areia.

Com uma areia branca e um mar azul, Camburi vai oferecer muito mais. O secretário de Obras da Prefeitura, Laerce Machado, já determinou à sua assessoria técnica um projeto



... pode deixar de existir com o aterro

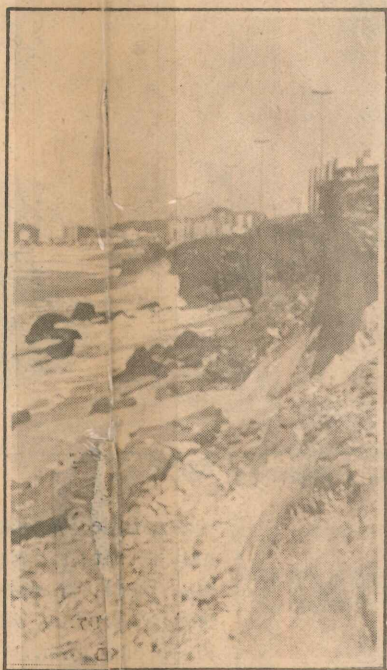


As promessas de uma nova Camburi povoam sonhos de comerciantes, moradores e banhistas...

urbanístico que só estará pronto quando a obra estiver terminando. "As idéias estão amadurecendo" diz o engenheiro Fábio Tancredi. Mas até agora ninguém sentou numa mesa para discutir os detalhes do acabamento que será dado a Camburi.

Embora sem qualquer esboço do projeto urbanístico, Tancredi arrisca algumas modificações que serão feitas, como o aumento do calçadão que passará a ter seis metros de largura. A pista não sofrerá nada, não se pensa em alargamentos nem na construção de outra pista, como tem gente pensando. Vários bancos serão colocados na calçada sem prejudicar os aficionados pelo cooper, haverá a distribuição de postos salva-vidas (de concreto), ao longo da praia, que será apresentada também com campos de futebol, vôlei, área para ginástica, cooper de areia e de calçada com as respectivas medidas.

Nada disso, porém, está dimensionado. Por enquanto só existe na cabeça de alguns engenheiros e técnicos da Prefeitura que serão certamente os responsáveis pelo projeto urbanístico. E para eles o importante é fazer com que Camburi seja uma "praia", coisa que eles dizem não existir em Vitória. Como disse Tancredi, "vamos dar condições ao banhista para poder frequentar a praia, fazer esportes e além de tudo ter maior segurança. No entanto é também muito importante o visual que vai ficar muito bonito". Se assim for a beleza de Camburi vai encantar e fazer com que os mais jovens se "choquem com o visual".



... mas a ressaca de março — como esta ocorrida em 1979 — pode tornar pesadelo

Mas para se chegar a isso falta ainda muita coisa. O cronograma da obra está em dia, é o que afirma o engenheiro responsável Alexej Predtechensky, que garante que hoje 15 por cento da obra já estão prontos. Em dois meses de trabalho — a obra começou em 15 de janeiro passado — já foram aterrados 400 metros de praia, dos 2.100 do trecho que deverão estar prontos em mais 13 meses.

O aterro que partiu da estaca deverá ser feito até 500 metros ós a avenida Adalberto Simão Ader, ou na estaca 30. Enquanto realiza o serviço de aterro hidráulico (através da dragagem),

dentro de aproximadamente 15 dias será iniciado o aterro mecânico (através de caminhões). O aterro mecânico terá uma cota média de altura de 1 metro e logo que chegar à estaca 30, deverá ser realizada novamente a colocação de uma pequena camada de aterro hidráulico que servirá para compactar a areia depositada pelos caminhões. Portanto, logo que o aterro hidráulico chegar na estaca 30, através da retirada de tubulões o serviço retornará até atingir a estaca de origem do aterro.

Enquanto se faz este serviço os técnicos garantem que a praia não ficará limpa como era. Certamente haverá lama e pedras de argila que o próprio mar se encarregará de limpar. Quanto às críticas feitas anteriormente dando conta de que o aterro estava contaminando a praia, os técnicos estranham o fato, já que o canal de passagem, de onde está sendo retirado o material, sempre teve contato com a praia. Além disso os técnicos afirmam que se há poluição ela vem sendo produzida por infratores que ligaram seus esgotos sanitários nas galerias de águas pluviais além da Companhia Vale do Rio Doce que despeja finos de minério no mar.

Críticas ao aterro não faltaram. Desde seu início em plena alta estação, o projeto de aterro da praia de Camburi foi rechaçado pela população, principalmente por quem é frequentador do balneário. Para o banhista Moacyr Mendonça, o prefeito de Vitória iniciando a obra nesse período quis apenas mostrar serviço, já que se poderia ter atacado em outra frente de trabalho que não fosse exatamente na área que recebe um maior número de pessoas durante o verão.

Verão mesmo foi um fenômeno que deixou de acontecer este ano em Camburi. Os banhistas, assustados com a possibilidade de sentir que estavam nadando junto a fezes trataram de procurar outros locais que, não menos poluídos, como a praia do aterro da Praia do Canto, apresentavam pelo menos uma água mais clara. Essa evasão entretanto causou outro problema. Os bares de Camburi, que têm um maior faturamento exatamente no verão, começaram a perder sua clientela e começaram a reclamar.

Os proprietários dos bares Rei dos Mariscos, Bar e Restaurante Petrópolis e Amigão, localizados exatamente na região onde foi iniciado o aterro, colocaram a boca no mundo, insatisfeitos com a queda no seu faturamento. João Manuel Ogioni, proprietário do Rei dos Mariscos, diz que durante o verão houve uma queda de aproximadamente 40 por cento em suas vendas. "Se normalmente eu faturava durante o dia 40 a 50 mil cruzeiros, quando começou o aterro esse faturamento ficou reduzido a 15 ou 20 mil".

O que segurou os comerciantes do local foi a noite que, segundo Ogioni, continuou com o mesmo movimento de todos os verões passados. Isso para ele foi o que evitou que os comerciantes falissem. Mesmo assim Ogioni se mostra otimista em relação ao aterro, acreditando que quando estiver pronto vai representar uma receita extra para seu comércio. Para ele logo que a obra terminar o sacrifício de um verão vai valer a pena porque certamente o faturamento vai dobrar.

Em outros bares como o Petrópolis o reflexo do aterro foi diferente. Desde a semana passada o proprietário do estabelecimento, conhecido como Paulo, resolveu fechar a casa durante todos os dias da semana, só abrindo à noite e em horário integral nos sábados e domingos. Da mesma forma que outros comerciantes, Ogioni, proprietário do Rei dos Mariscos, mesmo com a queda brusca no seu faturamento preferiu não fechar seu bar explicando que "este tipo de comércio não deve cessar nunca porque fatalmente perderá sua freguesia".

Os únicos que mostraram não sentir qualquer problema com o aterro foram os hotéis Camburi e Aruan, que por segredo comercial preferiram afirmar que não houve nenhuma queda no seu índice de ocupação. Para o gerente administrativo do Hotel Camburi, José Almir Balista, esse serviço teria que ser feito nessa época mesmo "pois vai ser melhor para a gente no futuro, trazendo muitas vantagens". Segundo ele o hotel, que divide seus quartos no verão entre turistas e executivos, teve uma procura boa, com uma taxa de ocupação de 86 por cento.

Da mesma forma o superintendente do hotel Aruan, Alaerte Vasconcelos, afirmou que sua ocupação esteve em torno de 70 por cento, chegando atingir 100 por cento no período de carnaval. Vasconcelos confessou não conhecer o projeto, mas disse acreditar que vá responder a tudo que se espera. Segundo ele o hotel, que há bem pouco tempo concluiu sua obra de expansão para mais 22 unidades e 12 lojas que compõem o Aruan Shopping, não sofreu qualquer problema com o aterro, e garantiu que depois de pronto o aterro vai ter muita influência e ajudar os comerciantes a se estabelecerem nas suas 12 lojas, já que nenhuma foi vendida até agora.

Prejudicial ou não o aterro de Camburi é uma obra completa. Enquanto ela passa uns reclamam e outros a aplaudem. Certo mesmo é que a partir dessa segunda quinzena de março as marés começam a subir representando ameaça a dois meses de serviço. Só resta saber agora se tudo ficará como está ou se ressurgirá uma nova Camburi, sepultando a antiga com 1.100 mil metros cúbicos de areia, até que as marés a mantenham assim.